



**TELMA CRISTINA LOPES**

**O DIREITO À EDUCAÇÃO E O DESEJO DE APRENDER:  
MEMÓRIAS DE UM PROCESSO FORMATIVO**

**INCONFIDENTES - MG  
2017**

**TELMA CRISTINA LOPES**

**O DIREITO À EDUCAÇÃO E O DESEJO DE APRENDER:  
MEMÓRIAS DE UM PROCESSO FORMATIVO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito ao curso de Licenciatura em Ciências Biológicas no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - Campus Inconfidentes, para a obtenção do título de licenciada em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Lidiane Teixeira

**INCONFIDENTES – MG  
2017**

**TELMA CRISTINA LOPES**

**O DIREITO À EDUCAÇÃO E O DESEJO DE APRENDER:  
MEMÓRIAS DE UM PROCESSO FORMATIVO**

**Data de defesa: 23 de outubro de 2017.**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dra. Lidiane Teixeira Xavier**  
**Professora Orientadora**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Melissa Salaro Bresci**  
**Professora Membro 1**

---

**Prof<sup>a</sup>. Ms<sup>a</sup>. Paula Inácio Coelho**  
**Professora Membro 2**

## **Resumo**

O presente memorial tem como objetivo apresentar minhas experiências acadêmicas, desde a infância até o tempo presente, observando alguns acontecimentos importantes da minha vida, que me constituem como pessoa sempre em formação. Da experiência particular da formação docente em Licenciatura em Ciências Biológicas, observo conquistas, bem como questionamentos sobre o exercício profissional no contexto da educação brasileira.

**Palavras-chave:** Memorial; Formação de Professores; Licenciatura em Ciências Biológicas.

## **ABSTRACT**

The present memorial aims to present my academic experiences, from childhood to the present, observing some important events of my life, that constitute me as a person always in formation. From the particular experience of teacher education in Licentiate in Biological Sciences, I observe achievements, as well as questions about professional practice in the context of Brazilian education.

Keywords: Memorial; Teacher training; Degree in Biological Sciences.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>1.UM POUCO DE HISTÓRIA.....</b>	<b>08</b>
<b>2. BUSCANDO O ENSINO SUPERIOR.....</b>	<b>12</b>
<b>3.PROCESSO DE FORMAÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>16</b>
<b>5.REFERÊNCIAS.....</b>	<b>17</b>

## INTRODUÇÃO

O presente memorial tem como objetivo apresentar minhas experiências acadêmicas, desde a infância até o tempo presente, observando alguns acontecimentos importantes da minha vida, que me constituem como pessoa sempre em formação.

Num primeiro momento, busco retratar minha experiência de vida, ao ingressar em uma escola de ensino fundamental; o curso técnico em Contabilidade e a experiência da maternidade na juventude.

No segundo momento, apresento o relato de minha trajetória em busca do conhecimento e a experiência inesperada e, por isso mesmo, difícil, de me tornar avó.

Por fim, apresento uma reflexão sobre as inquietações provocadas, especialmente, pela experiência do estágio supervisionado, que colocaram “em cheque” a perspectiva de ter docência como uma nova atividade profissional.

## 1. UM POUCO DA MINHA HISTÓRIA

Falar sobre a minha vida escolar e a trajetória acadêmica é fazer uma espécie de viagem no túnel do tempo, é contar coisas boas e más acontecidas durante o processo de formação como cidadã. É olhar para trás e enxergar momentos que foram vividos com muita emoção. Fico muito envolvida com esse trabalho e também muito emocionada porque falo de um tempo da minha vida que somente agora entendo como foi importante.

Sou de origem simples, nascida em zona rural, de um bairro chamado Matão, situado na cidade de Ouro Fino/MG. Passei por diversas dificuldades para dar início a minha vida escolar. A escola mais próxima se encontrava a quatro quilômetros de casa e não havia carro, vans, ou ônibus para que eu pudesse chegar a escola. Era necessário caminhar por uma estrada de terra e em meio a uma mata fechada, um longo percurso. Devido a essa dificuldade de locomoção e ao fato de meus pais acharem que eu era muito pequena para enfrentar tamanha jornada sozinha, não entrei não fui para escola.

Minha vontade de aprender era tão grande que me lembro de pedir ao meu tio e ao meu avô, João Vitor, para que me ensinassem a ler e escrever, pois meus pais não eram alfabetizados. Faço referência ao meu avô propositalmente. Minha lembrança remete a um homem sábio, à figura muito participativa em minha vida escolar.

Nessa época, ganhei de uma prima um livro didático e qualquer visita em casa era motivo para que eu pegasse minha cartilha “Caminho Suave”.

Aos poucos, fui dominando as letras e os números. Me lembro que com pedaços de tijolo fazia números e letras no cimento do terreiro de café do meu pai... Minha mãe ficava brava. Dizia ela que eu ficava rabiscando e sujando o terreiro.

Aos oito anos de idade, meus pais acharam que era o momento certo para eu ingressar na escolar. Mal sabia eu quanto sofrimento encontraria sozinha pela estrada, quatro quilômetros exaustivos até a escola. Mas, a vontade de aprender superava qualquer obstáculo.

Por não ter frequentado a pré-escola, as primeiras aulas foram de exercícios de coordenação motora. Mas, como já lia e escrevia, sempre queria mais a cada dia e a cada aula. Devido à ausência da experiência da pré-escola, lembro que foi

uma surpresa para a professora eu saber ler a lição da “Barriga” na cartilha de alfabetização.

Passados alguns meses, meu tio e meu avô, conseguiram, por meios políticos, fundar uma escola municipal no bairro, encurtando a distância para meu acesso e o de outras crianças à educação escolar.

Lembro-me de correr de medo das vacas que ficavam no caminho. Naquele tempo tudo se transformava em diversão. Despertar essa memória da infância me traz bons sentimentos. Não como um tempo difícil, mas um tempo de boas recordações.

Naquela escola desenvolvi meus conhecimentos básicos até a 4ª série primária<sup>1</sup>, sempre com ótimas notas nas avaliações. Mas, pouco tempo após sua fundação, as atividades naquela escola foram encerradas devido ao número insuficiente de alunos.

Tornou-se, então, necessária minha mudança para o centro de Ouro Fino, iniciando meus estudos na chamada “Escola Normal”. Meus pais continuaram na zona rural e eu morava com minha tia. A vida na cidade agora se tornava um novo desafio.

Frequentei aquela escola da 5ª a 6ª série primária no período diurno. Na 7ª série, transferi a matrícula para o período noturno e comecei a trabalhar, concluindo os estudos no ano seguinte<sup>2</sup>. Sem perceber, fui estabelecendo uma lacuna em minha formação escolar, fortalecendo uma divisão entre o trabalho e a escola.

Em meu primeiro ano no Ensino Médio, na época chamado colegial, meus pais também vieram para a cidade. Foi um período de muitas mudanças: voltava a morar com minha família, trabalhava como auxiliar de escritório em uma fábrica e ficava cada vez mais difícil conciliar trabalho e estudo com qualidade. Às vezes, devido ao horário, saía do trabalho e ia direto para a escola.

Como se pode concluir fiz um esforço muito grande para terminar o ensino médio. Além disso, na passagem do segundo para o terceiro ano, meus pais retornaram ao sítio, deixando apenas eu e minha irmã morando sozinhas na cidade.

Nesse período, minha maior frustração era ficar longe da escola, sem

---

<sup>1</sup> A nomenclatura das etapas da educação básica no Brasil foi alterada pela LDBEN 9.394/96. A série à qual me refiro, corresponde hoje ao 5º ano da primeira etapa do Ensino Fundamental.

<sup>2</sup> Atuais 6º, 7º, 8º e 9º anos da segunda etapa do Ensino Fundamental.

recursos financeiros para fazer o curso superior de Direito com o qual sonhava.

Resolvi, então, fazer um curso com preparação imediata para o mercado de trabalho o curso técnico em contabilidade na Escola Estadual Felipe dos Santos em Inconfidentes/MG. Tal escolha, não diz respeito apenas à minha experiência, mas a de milhares de brasileiros, que na ausência de oportunidade para realizar estudos superiores, acabavam optando (e ainda optam) por uma qualificação que possibilitasse a entrada no mercado de trabalho com alguma formação (BUARQUE, 2013).

Refletindo sobre essa questão, destaco, ainda, uma afirmação de Frigotto (2015) sobre a dificuldade e a pobreza existente em nossa sociedade que não pode ser meramente atribuída à falta do mérito individual, conforme querem nos fazer acreditar. Ainda hoje a realidade de muitos brasileiros não lhes permite evoluir no âmbito escolar, ou mesmo, a ele ter acesso.

Nesse período, já no final do terceiro ano do curso, engravidei... E a gravidez nessa fase da vida, gera consequências emocionais imediatas. No início, minha família não reagiu bem, não aceitou de imediato a gravidez, eu era muito nova e estava sozinha...

Ainda assim, concluí o curso.

Não me casei...

Época de difícil aceitação social!

As condições para conciliar filha, trabalho e escola eram mínimas. Por aquele tempo, sabia que não haveria possibilidade de estudar mais, e sim a obrigação de trabalhar para me sustentar e sustentar minha filha que ficava aos cuidados da avó paterna para que eu pudesse trabalhar.

Só me restaram responsabilidades, aos 22 anos de idade, e menor chance de realizar o sonho do curso superior.

Fiquei quase dezesseis anos sem estudar, na mesma atividade profissional, a de auxiliar de escritório.

Quando olhava as pessoas indo para a faculdade, muitas vezes, chorava de vontade fazer o mesmo. Cheguei a prestar vestibular, em uma faculdade privada, para os cursos de Administração de Empresa e Ciências Contábeis. Fui aprovada e não me matriculei por medo de ultrapassar o meu orçamento e ficar devendo na faculdade.

E o sonho da formação superior, parecia ficar cada vez mais distante...

## 2. ENSINO SUPERIOR E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Dois anos após minha última tentativa de ingressar no ensino superior em uma instituição privada, tomei conhecimento, por meio de um folder, do vestibular para o curso de Licenciatura em Ciências Biológicas no IFSULDEMINAS Campus Inconfidentes.

Então pensei: biologia é igual a ciências. Tenho afinidade com disciplinas voltadas para o meio ambiente, ainda mais que a ciência estuda a vida em suas diversas formas e evoluções, isso sempre me chamou muita atenção desde as etapas iniciais da educação escolar. Quanto à licenciatura na área, me daria uma nova oportunidade profissional. Então, fiquei muito feliz e me inscrevi, mesmo não sendo o curso voltado para área com a qual sempre trabalhei.

Fiz a prova e aguardei com expectativa o resultado. Fui aprovada!

Fiz a matrícula e no ano 2011, dei início a realização de um sonho, o de fazer um curso superior! Estava eu matriculada em uma faculdade com objetivo de me preparar para ser uma futura educadora!

As aulas iniciaram, eram muitos alunos, sala cheia!

A primeira semana de aula foi de apresentação do curso e dos professores de colegas de sala. Quando as aulas começaram para valer, me lembro de ter entrado em pânico com as matérias. Vinha a certeza de que não seria fácil retornar às atividades escolares depois de um longo período sem estudar, aliada à preocupação de deixar minha filha adolescente sozinha em casa.

Mesmo assim, pedia a Deus que me descesse a sabedoria e a calma para continuar e nunca desistir até mesmo pelo fato de sempre ouvir de pessoas próximas a mim que ser professora não é fácil, que muitas dificuldades apareceriam pelo caminho: alunos desmotivados, indisciplina, má remuneração etc.

Só que tudo que nos propomos a realizar na vida parte de um fator chamado motivação, vontade de crescer, de se superar, de perceber que podemos ir mais longe, embora a motivação também tenha a ver com questões financeiras.

Com o fim do primeiro período, percebi que seria capaz de lutar pela minha formação como educadora. Professores e colegas de sala contribuíram muito para que eu superasse inúmeras dificuldades no processo de aprendizagem.

Comecei a buscar dentro de mim um novo projeto de vida profissional!

Graças aos estudos, às leituras, às discussões, passei a ter consciência de que condições educacionais para o desenvolvimento intelectual como, tempo para leitura, cultura e arte, não são oferecidas para a maioria das crianças e dos jovens, sendo reservado às elites (FRIGOTTO; CIAVATTA, 2011).

Me percebi, então, sujeito desse processo, dessa história!

Muitas vezes, os mesmos problemas que existem na sociedade se refletem dentro da nossa casa, em nossa vida e ficamos surpresos quando tomamos conhecimento de que existem pessoas, profissionais, intelectuais, educadores, que pensam sobre essas questões de uma maneira que não conseguimos, por falta de estudo, de oportunidades... Aprendi muito! Abri os olhos para outra realidade!

Mas, a minha, ao mesmo tempo, batia à porta. A necessidade de trabalhar e a dedicação aos estudos acabaram consumindo meu tempo. Minha filha, penso que por carência de afeto, aproximou-se ainda mais dos familiares paternos. E, no final do quarto semestre do curso, recebi a notícia de que seria avó!

Outro momento difícil! Muitas coisas passaram pela minha cabeça! Muitos sentimentos, muita inquietação! Pensei em desistir.

Foi o apoio de familiares, professores e amigos que me ajudou a levar o curso adiante.

### 3. O PROCESSO DE FORMAÇÃO

A graduação me proporcionou um grande aprendizado, ampliando os meus conhecimentos no campo na educação.

Durante o curso de Licenciatura em Ciências Biológicas foram inúmeras as dificuldades enfrentadas:

- Dificuldade de falar em público experimentada com a apresentação de seminários;
- Escrever, refletir, elaborar ideias em boa parte das avaliações;
- Dificuldades na aprendizagem de algumas disciplinas como, química, física, inglês, genética, bioquímica. Meu Deus! Eram tantas as dificuldades e o tempo tão curto para dedicar mais ao estudo.

Me vi novamente, figurando como sujeito de pesquisas que buscam explicar as dificuldades de determinados alunos de cursos de licenciatura em relação à aprendizagem de conteúdos nessa etapa da educação escolar. Tal como observado por Gatti (2009, p. 14), esses alunos

[...] têm dificuldades com a língua, com a leitura, a escrita e a compreensão de texto, a maioria proveniente dos sistemas públicos de ensino, que tem apresentado nas diferentes avaliações um baixo desempenho. [...], trata-se de alunos que tiveram dificuldades de diferentes ordens para chegar ao ensino superior. São estudantes que, principalmente pelas restrições financeiras, tiveram poucos recursos para investir em ações que lhes permitissem maior riqueza cultural e acesso à leitura, cinema, teatro, eventos, exposições e viagens. E, essa mudança de perfil, trouxe implicações para os cursos de licenciatura que estão tendo que lidar com um novo background cultural dos estudantes.

Triste realidade, que em consequência da falta de interesse político pela educação brasileira, parece se reproduzir ano após ano e, a cada vez, com dificuldades e problemas maiores, especialmente, nas escolas mantidas pelo poder público.

Esse contexto, observado a partir do 5º período do curso de Licenciatura no estágio supervisionado, provocou uma mudança na minha percepção sobre a docência.

Tive oportunidade de realizar os estágios em escolas públicas e privadas na

cidade de Ouro Fino. Chamou minha atenção a forma como os alunos, principalmente da escola pública, interagem com os professores de maneira distinta; a falta de interesse pelo conteúdo ministrado e em participar das atividades propostas nas disciplinas ou nos projetos.

Ficou também evidenciada por essa experiência, muitas falhas no processo de ensino, bem como dificuldades enfrentadas pelos docentes no cotidiano da escola e que interferem em seu trabalho. Essas questões eram discutidas em sala de aula com a Professora Dra. Cristiane Camargo, responsável pela disciplina de estágio supervisionado.

Esse momento da formação me proporcionou vivenciar um pouco a realidade escolar e a colocar em prática teorias estudadas por meio das regências. E foi a partir desse momento que comecei a refletir sobre a educação de fato, que passei a entender qual seria o meu papel como educadora quando me formasse.

Muitas vezes, se discute a educação e suas dificuldades, atribuindo à família não participativa, o problema para o bom desempenho escolar das crianças. Entretanto, sempre que chamados, sua participação coincide com a transferência de responsabilidades do poder público, restando pouco para pensar a escola e os problemas que interferem na aprendizagem dos alunos.

Enquanto a família se aproxima da escola, quem se distancia é o poder público, provocando prejuízo para aqueles que dela dependem para aprender, para ter acesso ao conhecimento.

Essas e outras reflexões me fizeram questionar a docência como profissão, provocando a percepção de que, talvez, essa não seja uma carreira para mim.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encerro esse memorial com a certeza de que o passeio por algumas experiências da minha vida me conduziu a uma leitura e releitura de acontecimentos que me constituíram, me fizeram ser quem eu sou e chegar até aqui.

Visitei lugares e pessoas, revivi emoções boas e ruins, refleti sobre a importância das experiências educacionais transformadoras, como a que experimentei com a Licenciatura em Ciências Biológicas do IFSULDEMINAS, Campus Inconfidentes.

Talvez para mim, o maior destaque nesse processo de formação, tenha sido o estágio, que não tem o poder de tornar alunos professores, mas contribui para uma noção, ainda que superficial, do que é ser professor e, nesse sentido, confirma, ou não, o desejo pela profissão.

Formar professores é tarefa complexa!

Ser professor, é tarefa complexa!

Como nossa sociedade pode desvalorizar tanto um profissional com tamanha importância!

Não me sinto preparada para essa tarefa... E essa é uma questão que me desafia!

## 5. REFERÊNCIAS

BRASIL/MEC/CNE. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9.394/96**. 1996

GATTI, Bernadete. (Coord.) **Atratividade da carreira docente no Brasil**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2009

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. Perspectivas sociais e políticas da formação de nível Médio: avanços e entraves nas suas modalidades. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 32, n. 116, p. 619-638, 2011.

FRIGOTTO, G. A produtividade da escola improdutiva 30 anos depois: regressão social e hegemonia às avessas. **Trabalho necessário**. Ano 13, Nº 20. 2015.